

// Portugal

Congresso Democrático. A alternativa passa por aqui?

Por **Pedro Rainho**

publicado em 13 Maio 2013 - 07:00



Cavaco foi alvo de críticas duras por não defender a “soberania nacional” e aguentar o governo de Passos

Denunciar o Memorando, desenvolver a economia nacional, defender o Estado social e reduzir as desigualdades, construir uma democracia plena, participada e transparente e dar voz a Portugal no contexto europeu. Carvalho da Silva, membro da comissão permanente do Congresso Democrático das Alternativas (CDA), traçou em linhas simples os objectivos que aproximavam as cerca de 700 pessoas que este sábado se reuniram no Fórum Lisboa para a conferência “Vencer a crise com o Estado social e com a Democracia”.

No discurso de abertura da conferência, o ex-secretário geral da CGTP criticou a “irracional e violenta austeridade que destrói e desqualifica o emprego e a economia” e que põe em causa o Estado social, um “importante alicerce do desenvolvimento da sociedade”. Ao mesmo tempo, Carvalho da Silva sublinhava a importância de “acentuar esta pressão para a demissão do governo”, lançando o apelo ao protesto depois de considerar que o chefe de Estado falhou nas suas responsabilidades: “Um Presidente da República à altura dos acontecimentos defenderia a soberania nacional e os interesses da República” e “há muito já teria demitido o governo”, disse Carvalho da Silva, que é apontado como um dos possíveis candidatos a Belém.

O objectivo do CDA foi, desde o início, conseguir espaço público para um discurso alternativo. Carvalho da Silva reforçou essa ideia, ao pedir aos congressistas que “contribuam para a construção de uma base programática de alternativa à austeridade”. Resta saber se a união entre a esquerda que este grupo pretende aprofundar terá algum efeito prático.

Contradições Boaventura de Sousa Santos defendeu, pouco depois, perante um auditório quase completo – mas aquém da participação do primeiro plenário do CDA, em Outubro de 2012 –, que “temos a democracia suspensa”, por entender que o governo é liderado por responsáveis políticos que seguem as directivas dos credores internacionais, sem olhar ao interesse do país.

O sociólogo explicou ao i a urgência de uma renegociação da dívida pública em relação à qual, admite, os responsáveis europeus “são muito mais flexíveis do que se pensa”. Boaventura não esconde que o país passaria por um “momento de perturbação” com a saída do euro, ainda que “muito curto”, e que essa transição não seria possível “sem sacrifícios temporários”. Mas “há vozes na Europa à espera de um levantamento” e é em explorar essas “contradições” entre os principais responsáveis europeus que o país deveria investir, na opinião do investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Dívida insuportável O discurso de defesa do Estado Social – tema central da conferência – anda de mãos dadas com as vozes que pedem uma renegociação da dívida pública. Essa foi, de resto, uma das pedras de toque de José Reis, a quem coube o discurso de encerramento.

Para o economista, a dívida “tem de ser renegociada e reestruturada e não continuamente aumentada através de operações de subordinação e hipoteca permanente a que chamam ‘ida aos mercados’”. Reis explica que Portugal viveu demasiado tempo na dependência da economia alemã – de onde importava os bens que não produzia e a quem, ao mesmo tempo, pedia emprestado o dinheiro para pagar esses bens.

Agora, após uma diminuição de 10% da economia nacional e perante uma dívida pública acima dos 120% do PIB – enquanto antecipa nova contracção da economia, que este ano pode chegar aos 3% – o economista retira a prova de que o país está a afundar-se num poço do qual está cada vez mais longe de conseguir sair. A única possibilidade: o haircut da dívida (redução do montante total a pagar aos credores), suavização das taxas de juros cobradas pelos empréstimos e um prolongamento dos prazos das maturidades. Em suma, um plano à imagem daquilo que foi conseguido pela Alemanha no pós-guerra e que permitiu ao país sair das cinzas em que se encontrava, em meados da década de 1940.